



Tania Maria Crivilin
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

A quebra da planaridade: uma possibilidade moderna na pintura de Almeida Junior.

A partir do recurso da composição balizada pela geometria, do realismo e das concepções estudadas por Diderot, que distinguem a relação da obra com o espectador pode-se observar, como consequência, um alargamento da pintura para o espaço exterior na obra de Almeida Junior, ou seja, cria-se um diálogo com a abertura da obra na sua possibilidade moderna de lidar com a planaridade. Assim, na década de 1880, Almeida Junior pinta, em Paris, a curiosa tela *O garoto*, 1882, (80 x 56 cm), que foi exposta na Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro, quando de sua volta. Em 1886, já no Brasil, o mesmo tema se repete *O garoto*, 1886, sendo que desta segunda vez, de menor tamanho (30 x 26 cm). Nessa pintura, temos uma composição que apresenta um jovem que rasga a superfície da tela na qual está representado, criando um estranhamento e uma situação de surpresa para o espectador, pois o garoto está ocupando um espaço físico que ultrapassa o plano da tela, aquele onde poderia estar o espectador, e não o que está representado.

Em verdade, esta obra possui a qualidade de nos remeter tanto para um tempo anterior, quando nosso olhar era iludido pelo *trompe l'oeil* presente nas casas e vilas romanas, confundindo o código da visualidade, como também para um tempo posterior, onde procede o discurso da materialidade, da subjetividade e do lugar do espectador.

Devemos considerar ainda o contraste que essa tela traz consigo quando comparada as produções contemporâneas a ela, onde a pintura em geral, especialmente no Brasil, tratava de temas acadêmicos. Nesse sentido, pode-se dizer que *O garoto* é depositário de um ato de desconstrução do convencionalismo acadêmico e da tradição pictórica da época.

Buscando outras reflexões, quando nos atentamos para questões sobre materialidade, subjetividade e o lugar do espectador, de imediato somos surpreendidos pelo rompimento da tela através do suposto rasgo, onde nos é dado a ver o que existe por trás daquele suporte. Deparamo-nos com a permissão de atravessar a matéria pictórica a partir de uma travessura do garoto conduzida pelas mãos do pintor.

Pontuamos que as medidas dessa tela não são mensuradas pelos centímetros que a compõe, mas pela dimensão que ela toma quando se projeta diante do espectador, potencializada pelos recursos pictóricos. Nesse sentido, ela se agiganta, invade nosso espaço visual e físico, e nos diminui à medida que confronta a nossa mera condição de espectador diante das manipulações da pintura.